

## Sombras do ferrabrás

Cátia B. Weber\*

### Resumo

O texto trata da recuperação da historiografia “clássica” sobre o movimento social dos “Mucker”, revolta camponesa ocorrida na década de 1870 no Vale do Rio dos Sinos, RS, patrocinada por imigrantes alemães. O “episódio dos Mucker” tem recebido, ultimamente, diferentes representações ficcionais, motivando filmes, romances e peças teatrais. Analisar algumas das tais representações, como a utilização que fazem da historiografia “clássica” e a sua inserção histórica atual, é o objetivo da dissertação esboçada neste artigo.

**Unitermos:** Mucker; Imigração Alemã no RS; Movimentos Sociais; História e Ficção.

### 1 O episódio do Ferrabrás: história das histórias

O episódio dos “Mucker” tem merecido, ao longo do tempo, significativos estudos, realizados sob diferentes enfoques. Minha pretensão é reler a produção historiográfica sobre os Mucker hoje considerada “clássica” – como *Os Mucker*, do padre Ambrósio Schupp;<sup>1</sup> *O episódio do Ferrabraz: Os Mucker*, de Leopoldo Petry;<sup>2</sup> *A nova face dos Muckers*, de Moacyr

\* Licenciada em História pela UFRGS. Mestranda em História pela UFSC. Orientador: Prof. Dr. Élio C. Serpa.

<sup>1</sup> SCHUPP, Ambrósio. *Os Muckers*. Porto Alegre: Selbach, 3 ed., s.d.

<sup>2</sup> PETRY, Leopoldo. *O episódio do Ferrabrás: os Mucker*. São Leopoldo: Rotermond, 1966.

Domingues<sup>3</sup> e *Conflito social no Brasil: a revolta dos Mucker*, de Janaína Amado<sup>4</sup> – buscando desvendar o ponto-de-vista a partir do qual cada autor constrói a sua visão do episódio.

O livro do padre jesuíta Ambrósio Schupp, escrito logo após a sua chegada a São Leopoldo e o desfecho do episódio, em 1874, orienta-se por um enfoque que poderia denominar-se de católico-apostólico-romano. O relato do movimento dos Mucker, empreendido por Schupp, transforma-se, escrito nessa ótica, em peça acusatória da história dos Mucker, vista, pelo autor, como obra de protestantes. Isso, mais do que alicerçar-se em eventual discórdia latente entre os teuto-sul-rio-grandenses de religião católica e os protestantes, remete à própria história da Companhia de Jesus, criada para, pelo espírito missionário, combater a Reforma de Lutero.

O livro de Leopoldo Petry, escrito na década de 1950, apresenta, de sua parte, um enfoque teuto-protestante que busca, na ótica de um descendente de proprietários de uma próspera “venda” na região dos acontecimentos, situada entre Sapiranga e Hamburgo Velho, resgatar tanto o movimento dos Mucker como, também, a “dignidade” dos descendentes dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul. A sua escritura se insere, significativamente, numa operação ideológica de construção de uma “ideologia do trabalho” imigrante, contemporânea à ascensão política de estratos de origem imigrante no Rio Grande do Sul e a uma corrente historiográfica que sustentava, justamente, a origem da indústria nesse estado como assentada no artesanato e, portanto, na capacidade de trabalho dos teuto-brasileiros.

<sup>3</sup> DOMINGUES, Moacir. *A nova face dos Muckers*. São Leopoldo: Rotermond, 1977.

<sup>4</sup> AMADO, Janaína. *Conflito social no Brasil: a revolta dos “Mucker”*. São Paulo: Símbolo, 1978.

Se essas duas obras foram produzidas por alemães e/ou seus descendentes, constituindo-se, portanto, em visões de quem estava “por dentro” do movimento imigratório, o livro de Moacir Domingues situa-se na visão de quem olha o episódio dos Mucker a partir da sociedade sul-riograndense envolvidos. Classificado em terceiro lugar no concurso instituído em razão das comemorações do Sesquicentenário da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul, o livro foi publicado em 1977. Arquitetado sob a forma de breves quadros, nos quais enfoca diferentes aspectos da colonização, do movimento dos Mucker e, inclusive, da experiência pessoal das personagens centrais do episódio, como Jacobina, por exemplo, o livro de Domingues, recorrendo constantemente à documentação disponível sobre o “episódio do Ferrabrás”, como os depoimentos judiciais, isenta constantemente as autoridades luso-brasileiras perante o episódio. Relacionar a ascensão de estratos imigrantes dominantes, o declínio da economia agrário-exportadora alicerçada no latifúndio e a obra de Domingues é um dos propósitos da minha análise.

Por último, pretende-se a leitura da obra que causou, nos anos 70, relativo impacto nas academias. Trata-se de *Conflito social no Brasil: a revolta social dos Mucker*, de Janaína Amado. Baseada num arsenal teórico, dito “marxista”, ensaia estabelecer uma “explicação” do movimento dos Mucker, recorrendo à passagem de uma idílica “economia camponesa” à economia de mercado. A ruptura entre o “modo-de-produção colonial-camponês” e a irrupção do capitalismo nas regiões de colonização alemã no Rio Grande do Sul, explicaria, em suma, conforme a autora, a irrupção do movimento dos Mucker. A análise dicotômica de Janaína Amado, que explica por um único viés o episódio dos Mucker, rejeitando, portanto, outras abordagens possíveis, sejam elas de ordem étnica, religiosa, ou de gênero, pretendemos inseri-la nas demandas políticas dos anos 70.

A diversidade de enfoques ensejou, além disso, a partir dos anos 70, novas leituras da colonização alemã no RS, incluindo o episódio dos Mucker. Uma significativa produção acadêmica busca, por exemplo, aprofundar o estudo da economia regional. As relações políticas entre teuto-brasileiros, a “sociedade nacional” e as repercussões dos movimentos políticos da Alemanha, no entre-guerras e durante a 2ª Guerra Mundial, procuram lançar, por sua vez, outras “luzes” sobre o passado, abrindo perspectivas diferenciadas para o estudo das relações intragrupais e intergrupais entre os teuto-brasileiros e a sociedade abrangente. Uma passagem por esses textos, produzidos por autores como Sandra Jatahy Pesavento, René Gertz, Giralda Seyfert, Maria Amélia Schmidt Dickie,<sup>5</sup> ou a análise de obras coletivas como *Os alemães no Sul do Brasil*,<sup>6</sup> torna-se imprescindível para um apanhado da “história da história” do episódio dos Mucker, principalmente ao se considerar a simultaneidade das revisões historiográficas que ocorrem a partir dos anos 70, com a produção de obras de ficção que tomam o episódio por referência.

## 2 A construção de “Monumentos”: representações do movimento dos Mucker a partir dos anos 1970

A circulação dos “clássicos” que se debruçam sobre o episódio, a releitura do movimento dos Mucker no contexto da

<sup>5</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *RS: agropecuária colonial & industrialização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983; GERTZ, René. “O Integralismo na zona colonial alemã” In: DACANAL, José H. & GONZAGA, Sergius (Org.) *RS: Imigração & Colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980; GERTZ, René. *O perigo alemão*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1991. Idem. *O Fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987; SEYFERT, Giralda. *A colonização alemã no Vale do Itajaí-Mirim*. Porto Alegre: Movimento, 1974; DICKIE, Maria Amélia Schmidt. “Os Mucker e o grupo étnico” In: Anais do museu de Antropologia da UFSC. Florianópolis, Ano XV, nº 16, Dez 1984.

<sup>6</sup> MAUCH, Cláudia & VASCONCELLOS, Nair (Org.) *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: ULBRA, 1994.



revisão historiográfica da colonização alemã no Rio Grande do Sul, a partir dos anos 70, como a constante produção *de textos ficcionais* que tomam o episódio por temática, podem, com certeza, ser tomados por índices de que algo ficou do movimento junto ao Ferrabrás. Daí a minha preocupação central: como é que as obras de ficção trabalham esse imaginário, de que maneira tornaram-se elas “monumentos” ou não (Benjamin),<sup>7</sup> e por que vêm à tona justamente a partir dos anos 70?

Escolhi, para tanto, entre as diversas manifestações artísticas, nas quais se incluem canções de música popular no Rio Grande do Sul, quatro obras: o filme *Os Mucker*, de J. Bodanski e W. Gauer, a peça *Trilogia perversa*, de Ivo Bender, o romance *Videiras de cristal*, de Antônio de Assis Brasil, e a “ópera-pop” *Jacobina: uma Balada para o Cristo Mulher*, de Hércules Grecco.<sup>8</sup>

O filme, de 1978, independentemente de trabalhar com uma linguagem diferenciada das demais obras, é significativo no contexto que pretendemos abordar: foi produzido na região em que ocorreu o episódio, utilizou a população local como atores e é falado no dialeto alemão da região, o Hunsrueck. Com isso, incorpora, em sua constituição intrínseca, demandas típicas dos anos 70/80, como as noções de “cultura popular”, “resgate” de um passado contestatório, etc.

A *Trilogia perversa*, de Ivo Bender, publicada em 1988, também ambienta-se na região de colonização alemã, abarcando

<sup>7</sup> BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas I: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>8</sup> O filme *Os Mucker*, de J.BODANSCKI e W.GAUER, foi produzido em 1978, pela Stopfilm, em Berlim, pela TV Alemã; BENDER, Ivo. *Trilogia Perversa - 1826-1941*. Porto Alegre: Ed.da Universidade/UFRGS: MEC/SESU/PROEDI, 1988; ASSIS BRASIL, Antônio de. *Videiras de Cristal*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989; *Jacobina: uma balada para o Cristo Mulher*, conforme seu próprio prospecto de divulgação, é uma ópera-pop, de autoria de Hércules Grecco, 1995, e encenada pelo grupo Cia das Óperas.

do três épocas distintas: 1941, 1874 e 1826. A peça denominada *1874* trata, diretamente, do episódio dos Mucker, explorando o seu lado trágico: um pai de família, pertencente aos “Mucker”, vê-se na contingência de trair o movimento ou entregar a sua filha para o sacrifício humano, capaz de, conforme a personagem Jacobina, redimir a todos e propiciar a salvação. Meu olhar pretende concentrar-se justamente nesse fato: na construção de Jacobina, que exige, na peça, sacrifícios humanos para a redenção de seu povo. Até que ponto, afinal, a peça reforça, com isso, estereótipos em torno de Jacobina?

Já o romance *Videiras de cristal*, cuja primeira edição data de 1990, diz-se explicitamente “o romance dos Muckers”. Escrito na ótica de um alemão recém-chegado da Alemanha que, aos poucos converte-se ao movimento, possui como traço característico o fato de ser esse alemão um psiquiatra. Esse fato revolve, evidentemente, antigos preconceitos e preceitos ideológicos: como poderiam, afinal de contas, justamente “alemães” envolverem-se em episódios que raíam a loucura coletiva, se deles é dito que são comedidos, construtores de uma América branca, centrada na ordem e na dedicação ao trabalho? Escrito por um autor que se situa fora do espaço típico de colonização alemã no Rio Grande do Sul, o romance coloca em xeque, implicitamente, duas questões que deverão alimentar a minha análise: a “ideologia do trabalho” – apoiada na imagem vigente sobre o imigrante durante longo tempo no RS – e a explicação do episódio dos Mucker pela “loucura” passageira que teria atingido o grupo de colonos identificados com os rebeldes, explicação destinada a enclausurar os Mucker, isolando-os, como “doentes”, do restante da colônia e da sociedade luso-brasileira. Um confronto da obra de Antônio de Assis Brasil com o livro *A nova face dos Mucker*, de Moacir Domingues, ou com a peça *1874*, de Ivo Bender, far-se-á, nesse particular, necessário.

Por fim, pretendo analisar a “ópera-pop” *Jacobina: uma Balada para o Cristo Mulher*. E para que este texto não fique apenas no plano das “boas intenções”, apresentando unicamente o percurso que pretendo percorrer, detenho-me um pouco mais, a título de exemplo, na peça de Hércules Grecco. Sua montagem, em 1995, obteve ampla repercussão no RS. Assisti à sua encenação no Teatro São Pedro, em Porto Alegre, espaço considerado nobre no circuito cultural da cidade e do estado – o que, por si só, como problematização ideológica da imagem do movimento constituída pela peça, não deixa de ser significativo... Enfim, a balada, encenação cantada da história dos Mucker, compõe-se de vários quadros estendidos no tempo e diferenciados tecnicamente entre si pela iluminação. Cada quadro, representado por diferentes atores-cantores, enfoca um momento específico do episódio dos Mucker. Os quadros, por outro lado, estão entrelaçados pela presença constante de Jacobina que é o elemento de aglutinação da peça.

Jacobina, como elemento aglutinador da peça, recebe várias leituras, vários olhares, que vão do olhar e das vozes das personagens mais próximas às de seus oponentes. Um breve levantamento desses olhares permitiria, de imediato, algumas considerações. A primeira delas é que, na peça, ganham força, na verdade, duas formas de modelagem da personagem central Jacobina: a Jacobina heroína dos oprimidos e a Jacobina “rameira” dos oponentes.

A primeira construção, de outra parte, é a forma privilegiada pela peça, seja pela quantidade e intensidade das falas enaltecidas de Jacobina, seja pela perspectiva geral da peça que, na ótica de uma certa historiografia, coloca Jacobina juntamente com os colonos que a ela aderem, como vítimas do sistema, diante do qual somente restaria a esperança e o sonho de instauração de um mundo de justiça.

A moldagem de Jacobina envereda, assim, pela construção de uma utopia, retirando-se dela aqueles elementos que poderiam, virtualmente, identificá-la como uma mulher da colônia envolvida em seus afazeres domésticos, ou, enfim, como uma mulher da segunda metade do século XIX. A ruptura de Jacobina com as coisas do mundo – casa, marido, instituições – é, na verdade, um elemento instituído de antemão a resultar numa Jacobina absolutamente fluida. Como tal, ela torna-se perfeitamente eficaz para a operação ideológica, pretendida pela peça. Esse processo evidencia-se a todo momento, a começar, por exemplo, pela capa do folheto de divulgação da ópera, em que a fluidez se estampa em toda a sua intensidade, no título e na ilustração que o acompanha. O título, *Uma balada para o Cristo Mulher*, é a própria indiferenciação de gênero: o artigo é masculino; o Cristo, no entanto, é feminino... E Jacobina, com suas brancas vestes esvoaçantes e a coroa de flores que lhe envolve os cabelos, personificação da pureza, simplesmente flutua num espaço de indefinição...

A fluidez da constituição de Jacobina, dizia, propicia a operação ideológica que perpassa a peça. É que o desenraizamento histórico de Jacobina – retirada de suas relações de classe, gênero, etnia, etc. – propicia, justamente, a sua presentificação, ou seja, a sua atualização histórica. Presentificação que pode ser lida na fluidez da personagem e, inclusive, na própria montagem da peça, que se utiliza tecnicamente de ritmos atualizadores como o *rap* e o *samba*. Isso sem esquecer que o prospecto de divulgação refere-se explicitamente a uma *ópera pop*.

Essa Jacobina, uma vez retirada de seu contexto histórico, ou presentificada, pode, então, transmitir a sua mensagem: o que sobressai no texto é a aposta na esperança, “marcados que estamos / de lutas perdidas / de sonhos falidos / de dores sofridos”, como se lê ao final da peça. Diante disso, a persona-

gem Jacobina pode obviamente constituir-se em lenitivo. Muito bom para os dias atuais, em que muitos desgarrados andam à procura de novas esperanças. Isso, inclusive, talvez explique o próprio êxito da peça, pelo lado de sua recepção... É nesse aspecto que desejo justamente investir: até que ponto os dilemas ideológicos, as perspectivas históricas, em jogo nos anos de 70 a 90, são incorporados à construção/reconstrução do episódio do Ferrabrás?

### 3 Os “Monumentos” e os anos de 70 a 90

Os anos que se estendem de 1970 à 1990 foram, genericamente, marcados por algumas referências ideológicas básicas: termos como “cultura popular”, “resistência”, “leituras a contrapelo” fizeram história. Inicialmente, nos anos 70, conectavam-se às lutas contra o regime militar; nos anos 80, à reativação da sociedade civil, que passava a organizar-se em “comunidades de base”, como previa a Teologia da Libertação, por exemplo; nos anos 90, embora desgastados, remetem à luta contra a chamada “globalização”, ou contra a “dissipação pós-moderna”.<sup>9</sup>

De outra parte, o Rio Grande do Sul passou por transformações fundamentais: a sociedade gaúcha, que possuía no latifúndio de exploração pecuária um de seus vetores, urbanizou-se. As próprias regiões de imigração, como o Vale do Rio dos Sinos, por exemplo, passaram por intenso processo de industrialização e urbanização, com o ascenso da economia coureiro-calçadista, a partir dos anos 50, atingindo o seu apogeu nos 70.<sup>10</sup> Concomitante a esse processo, já o vimos, surgiu uma

<sup>9</sup> BOSI, Alfredo. *A dialética da colonização*. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

<sup>10</sup> LAGEMANN, Eugenio. “Imigração e industrialização”. In: DACANAL, José H. & GONZAGA, Sergius (Org.) *RS: imigração e colonização*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980. Idem. *O setor coureiro-calçadista na história do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ensaios FEE, 7 (2): 69-82, 1986.

série de obras na área da historiografia, que buscava uma reavaliação da constituição histórica do Rio Grande do Sul, incluindo-se, nessa reavaliação, o papel da colonização alemã no Sul do País.

É na intersecção entre os debates (ou embates) ideológicos do período, as diferentes visões do processo migratório no Sul e as obras de ficção que abordam o episódio dos Mucker, que desejo situar o meu texto. Como, afinal, diferentes (ou não...) perspectivas ideológicas e, também, diferentes perspectivas historiográficas, orientaram a construção de obras de ficção tendo por tema os "Mucker"? E por que, finalmente, passam os "Mucker" a ensejar, nesse período, a criação de obras de ficção? Esse, em resumo, é o meu objetivo...